

CARLOS BRÁS

A
GUERRA DA
UCRÂNIA
VISTA DE
MOSCOVO



PACTOR

EDIÇÃO

PACTOR – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação
Av. Praia da Vitória, 14 A – 1000-247 LISBOA
Tel: +351 213 511 448
pactor@pactor.pt
www.pactor.pt

DISTRIBUIÇÃO

Lidel – Edições Técnicas, Lda.
R. D. Estefânia, 183, R/C Dto. – 1049-057 LISBOA
Tel: +351 213 511 448
lidel@lidel.pt
www.lidel.pt

LIVRARIA

Av. Praia da Vitória, 14 A – 1000-247 LISBOA
Tel: +351 213 541 418
livraria@lidel.pt

Copyright © 2024, PACTOR – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação
® Marca registada da FCA PACTOR Editores, Lda.
ISBN edição impressa: 978-989-693-172-8
1.ª edição impressa: junho de 2024

Paginação: Carlos Mendes
Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda. – Venda do Pinheiro
Depósito Legal n.º 533274/24
Capa: José Manuel Reis

Todos os nossos livros passam por um rigoroso controlo de qualidade, no entanto, aconselhamos a consulta periódica do nosso [site \(www.pactor.pt\)](http://www.pactor.pt) para fazer o *download* de eventuais correções.

Não nos responsabilizamos por desatualizações das hiperligações presentes nesta obra, que foram verificadas à data de publicação da mesma.

Os nomes comerciais referenciados neste livro têm patente registada.



Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, digitalização, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação, sítio *Web*, blogue ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora, exceto o permitido pelo CDADC, em termos de cópia privada pela AGECOP – Associação para a Gestão da Cópia Privada, através do pagamento das respetivas taxas.

Índice

Prefácio	VII
Lista de siglas	XI
Preâmbulo	XIII
1. Guerra de Informação	1
<i>Maskirovka</i> e a herança das “medidas ativas”	4
Rússia	11
Ucrânia	15
Ocidente	17
2. Ideologia	20
Putinismo	20
Estado-civilização.....	24
Império	26
Russofobia	28
Nazismo.....	38
História	45
Educação	53
Democracia.....	59
Colonialismo.....	61
Liberdade.....	65
3. “Operação Militar Especial”	71
Razões e justificações	71
Objetivos.....	82
O fim sempre iminente da “operação militar especial”	87
Condições para a paz	89
4. Desnazificação e Libertação	95
Propaganda de atrocidades ucranianas	95
Bombardamentos no Donbass	102
Prisioneiros de guerra.....	104
Utilização de armas químicas	107
Ataque a Belgorod.....	108
Encenações e provocações ucranianas	110
Outras provocações.....	114
Experiência russa de encenações	117
“Libertação” da Ucrânia	118
5. Desmilitarização	130
Superioridade militar russa.....	130
Superioridade moral dos russos.....	143
Espionagem e sabotagem ucranianas	149
Belicismo russo.....	153
Guerra formal na Ucrânia	157
6. Uma Guerra (também) Religiosa	164
Guerra religiosa	164

Apoio do Patriarcado ao Kremlin	165
Apoio do Kremlin ao Patriarcado	167
IOU-PM.....	168
IOU-PK	169
IOR.....	170
Mosteiro de Kiev Pechersk Lavra.....	171
Letónia.....	174
Ocidente	174
7. Ucrânia.....	176
Nazismo ucraniano.....	179
Ucrânia, colónia do Ocidente.....	183
Colapso político.....	186
Colapso económico.....	191
Colapso social e moral.....	191
Colapso militar	198
Dificuldades de recrutamento	203
Transplantologistas negros.....	206
8. “Ocidente Coletivo” e a Desunião Ocidental	209
Desunião atlântica.....	210
Desunião europeia	216
Desuniões nacionais	220
Inferioridade moral do Ocidente	222
9. Colapso do Ocidente	237
Fim do mundo unipolar.....	238
Colapso dos Estados Unidos.....	240
Colapso da União Europeia	242
Colapso da NATO.....	244
Colapso económico.....	245
Vulnerabilidade ocidental às sanções	248
10. Apoio à Ucrânia.....	258
O Ocidente usa a Ucrânia para atacar a Rússia.....	260
Traição ocidental	260
O apoio contínuo visa prolongar o conflito.....	263
O apoio ocidental é retórico	263
O apoio ocidental dá lucro	264
Armas velhas.....	265
Destruição pelo exército russo	266
Venda de armas	268
Incapacidade técnica ucraniana	270
Esgotamento ocidental	271
Teste de armas.....	272
Refugiados ucranianos	273
Ingratidão dos ucranianos	275
Ucranianos criminosos.....	276
Maus-tratos a ucranianos.....	278
Exploração de ucranianos.....	279
Cansaço europeu	280

11. Guerra Biológica	282
Biolaboratórios na Ucrânia	283
Laboratórios biológicos nas fronteiras da Rússia e da China	289
Armas étnicas	290
Participação americana nas epidemias globais	292
COVID-19 é uma criação dos Estados Unidos	293
Posição da Academia de Ciências da Rússia	294
12. Relações Ocidente-Rússia	295
Negociações NATO-Rússia	295
Alargamentos da NATO	298
Hostilidade da Rússia com o Ocidente	301
Hostilidade do Ocidente contra a Rússia	309
13. Situação Interna na Rússia	319
A vida na Rússia é bela	319
Resistência russa às sanções	323
Pequenos inconvenientes	325
Demografia	332
Defesa dos valores tradicionais	334
Xenofobia	341
“Ocidentofobia”	345
14. Recrutamentos e Deserções	349
Conscritos	349
Mobilização parcial	351
Alargamento no universo mobilizável	353
Fugas à mobilização	355
Protestos contra a mobilização	357
Ataques a centros de recrutamento	359
Voluntários	360
Condições dos soldados	362
Benesses militares	365
Deserções	365
Wagner	367
Não há baixas	367
15. Morte aos Traidores	368
Juízos morais	370
Legislação	374
Estatísticas	375
Protestos	376
Ativistas	377
Jornalistas	378
Artistas	381
Outras Figuras	386
Emigrantes políticos	388
Agentes estrangeiros	393
Denúncias	395
Passar para o inimigo	396
Corpos russos anti-Putin	397

Outros militares.....	398
Famílias divididas.....	399
Irina Tsybaneva	400
16. Serviços Especiais Russos.....	401
FSB	401
SVR	403
GRU	404
Espionagem russa.....	406
Espionagem estrangeira.....	407
17. Relações Internacionais.....	409
Isolamento da Rússia	411
Construção do mundo multipolar	421
18. Países Bálticos.....	424
Letónia	425
Lituânia.....	430
Estónia	432
19. Países do Cáucaso	433
Arménia.....	433
Azerbaijão	435
Geórgia	436
20. Moldávia, Cazaquistão e Polónia.....	441
Moldávia.....	441
Cazaquistão.....	451
Polónia.....	458
21. Estados Unidos	470
Antes da invasão.....	472
Ditadura liberal	473
Erros americanos.....	477
Russofobia	478
Apoio à Ucrânia.....	480
Fim do mundo unipolar.....	482
Colapso dos Estados Unidos.....	483
22. Turquia e Hungria	485
Turquia.....	485
Hungria.....	490
23. China, Coreia do Norte, Irão e Japão.....	494
China.....	494
Coreia do Norte	504
Irão	506
Japão.....	509
24. E Portugal?	515
Narrativas sobre Pessoas.....	519
Episódios de Guerra Informativa	541
Epílogo	605

Prefácio

Vivemos na era da informação, mas nunca estivemos tão pouco cientes do mundo que nos rodeia, como nos dias de hoje.

E isto porque vivemos profusamente rodeados por diversos meios que veiculam a cada instante uma torrente de notícias e informações, onde também se incluem, entre outras, verdades alternativas, desinformação, notícias falsas, propaganda, etc, tornando-se por vezes difícil perceber quais aquelas que refletem a realidade *tout court*.

Neste universo, em que a quantidade amiudadamente suplanta a qualidade, o cidadão comum menos avisado sente-se de certo modo perdido e tem dificuldade em decidir aquilo em que deve acreditar. Não só por tal facto, mas também porque atualmente se vive a um ritmo alucinante, que nos leva seguramente a ter de dar maior atenção aos momentos relevantes da nossa vida pessoal, familiar e profissional, em detrimento de outras dimensões do mundo em que estamos inseridos.

Para quem estiver interessado, uma maneira de mitigar um pouco este nosso déficit de disponibilidade e de apetência para, digamos assim, tentar separar o joio do trigo, é a leitura do livro “*Propaganda Moderna – da Grande Guerra à Atualidade Russa*”, deste mesmo autor, lançado em finais do ano passado. Em nosso entender, trata-se de uma obra elementar para todos aqueles que se preocupam com estas matérias e relativamente às quais gostariam de estar devidamente informados.

Nele, começa por percorrer a história da propaganda, destacando alguns dos seus principais teóricos e práticos e, sequencialmente, no âmbito da teoria da propaganda, esmiúça os seus tipos, regras e técnicas, dando também um lamiré sobre contrapropaganda.

Trata-se de uma obra sintética, mas bem interessante, dado que não existe muita coisa escrita em português, sobre este tema. Exceção feita a diversos livros versando sobre marketing ou publicidade, a maior parte oriunda do Brasil.

Munidos do conhecimento nela vertido, podemos sempre procurar descortinar a verdade que melhor conjuga com a realidade, no meio da torrente de informação que diariamente nos invade e onde as falsidades campeiam, no sentido de nos fazerem ver as coisas como elas não são, melhor dizendo, como querem que as vejamos.

Não é fácil. Na verdade, não basta apenas ler e interiorizar o que nela está escrito. É preciso algum espírito crítico, disponibilidade de tempo e uma

predisposição para avaliar a credibilidade das fontes e a verosimilhança daquilo que vemos, ouvimos e lemos. A experiência, *a posteriori*, será também fulcral.

Como isso não está efetivamente ao alcance de qualquer um, o autor, complementarmente, indo um pouco mais longe, brinda-nos com este novo trabalho, *A Guerra da Ucrânia vista de Moscovo*, ancorado na sua experiência de largos anos de trabalho na área da Intelligence, focalizando a sua atenção num tema bem atual e sobre o qual importa estarmos minimamente bem informados – a guerra da informação no conflito russo-ucraniano e, num patamar mais específico, a produção propagandística recente da Federação Russa.

Para este livro, o autor efetuou uma pesquisa exaustiva e minuciosa de narrativas com intuítos propagandísticos, baseada exclusivamente em fontes russas, a maioria afeta ao Kremlin, mas também de outras consideradas mais ou menos liberais, atuando quer a partir de território russo, quer do exterior.

Ao longo dos capítulos, articulou essas narrativas, partindo do geral para o particular, por forma a constituir um todo coerente. Deste modo, “dá a conhecer”, o lastro ideológico e os justificativos da “operação militar especial”, a robustez e as fragilidades dos atores que contam (organizações internacionais, estados e personalidades) e respetivo impacto nos posicionamentos atuais e futuros. A concluir, traz a lume uma série de episódios de Guerra Informativa, que percorrem os anos mais recentes do conflito e que de igual modo ilustram bem o quão pouco confiáveis são as “verdades alternativas”, bem como as fontes das quais dimanam.

Ainda que de uma forma redutora, este livro pode considerar-se uma espécie de prisma ótico, no qual o autor faz incidir as luminosas “verdades alternativas”, decompondo-as num espectro de itens em que, consoante os casos, podem ser visíveis a distorção ou a manipulação de factos para atender aos seus objetivos políticos, a difusão de desinformação e de teorias conspiratórias para confundir e influenciar a opinião pública, a alimentação de divisões sociais e políticas em países estrangeiros, no sentido de enfraquecer a sua coesão e estabilidade, a propagação de narrativas que favorecem regimes autoritários e minam os valores democráticos e os direitos humanos ou a identificação e exploração das vulnerabilidades sociais e políticas de diferentes audiências, visando manipular e influenciar comportamentos.

Assim, facilitando-nos a tarefa, o autor filtra essas ditas “verdades alternativas” e dá-nos uma ideia o mais fidedigna possível do que tem sido o desenrolar dos acontecimentos e de tudo quanto gravita em torno desta guerra.

Com a incerteza que paira sobre o desenrolar dos próximos capítulos, é bom que cada um de nós retenha a imagem mais real possível da situação, porque poderemos, mais cedo ou mais tarde, ser arrastados para o olho do furacão.

E que, igualmente, tenhamos a noção de que a segurança é um dos alicerces fundamentais do nosso bem-estar e de que essa segurança tem custos. Como o dinheiro é sempre curto e custa caro, poderemos vir a ter de fazer opções, abdicando de alguns privilégios em detrimento de uma maior segurança.

Mas regressando à temática do livro e abstendo-nos de replicar o trabalho “de sapa” que o autor já fez por nós, não podemos deixar de mais uma vez realçar as fragilidades e incongruências da propaganda oriunda das lideranças russas e dos seus súbditos, afiliados, simpatizantes e satélites.

Tentando ser breves, apenas alguns apontamentos – se as Forças Armadas da Rússia, contrariamente às que se lhe opõem, são assim tão altamente treinadas, equipadas, motivadas e capazes de responder eficazmente a qualquer tipo de ameaça, porque é que, como afirmaram, não conseguiram fazer cair Kiev em dez minutos ou mesmo numa semana?!

O que dizer também daquela imagem de satélite, que ficou na retina de todos nós – uma coluna de viaturas militares, com uma extensão de cerca de 60 quilómetros, completamente paralisada, nos primeiros dias da “operação militar especial”?! Um erro de palmatória nada abonatório para os principais responsáveis da cadeia de comando.

E dos sucessivos ajustamentos dos objetivos da campanha ao desenrolar da manobra e não o seu contrário, como se aprende nos bancos da escola!...

E ainda, do discurso amiudadas vezes arrogante, histriónico, destemperado e quase primário dos principais responsáveis e ideólogos russos ou dos seus porta-vozes.

A liderança de um país que se considera predestinado por Deus, ungido por valores morais inquebrantáveis, com um território imenso, rico em recursos energéticos e minerais, povoado por um considerável número de habitantes, culturalmente rico, dotado de umas Forças Armadas poderosíssimas e ainda de uma tríade nuclear superior, não pode estremecer por ter na sua vizinhança atores muito mais fracos, só pelo facto de serem alinhados com o “Ocidente Coletivo”. Note-se que não estamos a falar de um qualquer estado exíguo!...

Ainda há bem pouco tempo voltaram as ameaças de emprego das armas nucleares.

Quem se quer guindar a ser um ator importante da cena internacional, deveria ser mais comedido na sua retórica e também nas suas ações. Serenidade e sensatez q.b.

Se há coisa de que a liderança russa poderá beneficiar nesta sua aproximação à China, será perceber que um líder de uma grande potência não necessita de recorrer a um discurso ululante, para infundir respeito. Até porque o descrédito, normalmente, é diretamente proporcional ao número de decibéis.

Diremos também que nas guerras contemporâneas, que consomem, para além de vidas humanas, uma quantidade considerável de recursos materiais e financeiros, é natural que os contendores envolvidos tentem o mais possível conjugar ações não cinéticas com ações cinéticas, também porque estas últimas têm custos muito mais elevadas do que as primeiras, embora o custo daquelas não seja de todo despidendo, como o autor refere.

Consequentemente, as ações de propaganda fazem parte desta equação e delas se tenta tirar o maior partido no sentido de enganar, condicionar e desgastar o outro e até de aumentar os seus apoios e diminuir os do adversário.

Ou seja, para onde quer que nos viremos, seremos sempre confrontados com ações de propaganda. Por isso é bom que estejamos atentos e razoavelmente apetrechados, por forma a que saibamos avaliar o mais corretamente possível aquilo que os nossos sentidos captam.

Este livro, tremendamente atual, constitui uma preciosa ajuda para esse considerato. Agradeçamos ao autor o seu empenhamento em desbravar aquilo que, à vista desarmada, não é facilmente detetável e o seu altruísmo em colocá-lo à nossa disposição.

Para nós, excedeu largamente as expetativas. No final, constatámos que um dos maiores inimigos da propaganda é a inexorável marcha do tempo, que acaba quase sempre por desmentir que aquilo que é dito que está para acontecer, afinal nunca acontece...

Ficámos também com uma certeza: a propaganda pode servir para muita coisa, mas nunca será a “roda sobressalente” de incapacidades ou da incompetência!

Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo
General

Preâmbulo

Este livro pretende abordar a produção propagandística recente da Federação Russa, designadamente a partir de janeiro de 2022 e até 18 de março de 2024.

Como este período foi marcado pela Guerra da Ucrânia, a escolha da primeira parte do título tem a intenção de fornecer estas balizas temporais. A escolha da segunda parte do título também foi intencional. O título do livro podia ser “A Guerra da Ucrânia vista do Kremlin”, mas, nesse caso, abordar-se-ia apenas a produção dos média afetos ao Kremlin, far-se-ia eco das suas narrativas e o resultado seria um livro de propaganda russa ao invés de um livro sobre a propaganda russa. Ao alterar o foco do Kremlin para Moscovo estamos a admitir que nem todos os russos estão em sintonia com o Kremlin e podemos incluir narrativas diferentes da oficial bem como reações russas à propaganda.

Há em língua russa alguns média considerados liberais e mais ou menos tolerados pelo poder, cada vez menos tolerados na verdade, e outros considerados “agentes estrangeiros” e mesmo “indesejáveis” que operam a partir do exterior. A inclusão destes média permite-nos acesso a uma verdade diferente da oficial, normalmente em oposição a esta, apresentando narrativas semelhantes às difundidas no Ocidente, mas também análises que desconstroem as narrativas propagandísticas.

Em dezembro de 2013, quando o principal propagandista do Kremlin, Dmitry Kiselev, assumiu funções como diretor do Russia Segodnya, numa reunião com a equipa do Ria Novosti anunciou uma mudança na política editorial:

“Sob o slogan da objetividade, muitas vezes distorcemos a imagem e olhamos para o nosso país como se fosse estranho para nós. Acredito que o tempo desse jornalismo desprendido e destilado acabou.”

Para Kiselev, a objetividade “é um mito que nos é imposto” e o jornalismo não deve apenas noticiar de forma neutra os acontecimentos, mas sim criar valores que unam os russos como nação. O jornalismo “é uma ferramenta e um recurso do país, deve definir o que é bom e o que é mau”. A Rússia não precisa da objetividade dos jornalistas, precisa sim do seu amor incondicional.

É reconhecidamente difícil e doloroso admitir que o seu próprio país seja responsável por matar ativistas da oposição, travar guerras, ocupar outras terras e assassinar centenas ou milhares de civis. É muito mais fácil acreditar no contrário – que são os outros países que fazem as coisas más, enquanto o seu está do lado de tudo o que é bom e verdadeiro. E é exatamente isso que os propagandistas

dizem ao povo russo. A objetividade foi substituída pelo amor que se espera que um órgão de comunicação social estatal ou privado defenda.

Portanto, num livro sobre propaganda a isenção não é uma opção. Isenção e objetividade nem sempre são sinónimos. Se a propaganda for apresentada como informação, presta-se um serviço ao propagandista. Se a propaganda for apresentada como propaganda que é, resulta uma arma de contrapropaganda. É necessário tratar a propaganda russa atual do mesmo modo que se encara a propaganda nazi ou soviética, sem pudor de despi-la dos seus mitos e símbolos nem receio de chamar falso ao que é falso.

A propaganda russa recorre a uma panóplia de meios, sendo a difusão de notícias a parte visível do icebergue. Fornecendo linhas narrativas à comunicação social ou explorando essas narrativas, atuam na Federação Russa a Duma, os tribunais, as escolas e a Igreja Ortodoxa Russa. No estrangeiro, os diplomatas russos fazem pelo menos tanta propaganda quanto diplomacia e atuam ainda organizações estatais como Russotrudnichestvo, Russki Mir, Conselho de Coordenação de Compatriotas Russos no Exterior, um exército de trolls, uma grande quantidade de espões e novamente a Igreja Ortodoxa Russa. Com exceção dos trolls, todos os outros, além das funções oficiais, exercem ainda atividades encobertas. Constituem, pois, o exército clandestino do Kremlin.

Todos os estados de alguma dimensão e importância recorrem a duas vias na prossecução dos seus objetivos. Uma age abertamente e respeita o direito, a outra age clandestinamente em reforço ou complementaridade da primeira. Antropomorfizemos os estados e chamemos a estas vias “mãos”. Para as designar recorramos ao latim que fornece nomes mais adequados à nossa intenção. À mão que age segundo o direito, chamemos “destra”; a outra será a “sinistra”.

Normalmente, a mão destra lidera a ação e a sinistra auxilia. No caso da Rússia não é assim. Nela não é fácil determinar qual das mãos lidera a ação ou qual delas é mais forte. A Rússia de Putin age como um ilusionista: enquanto a mão destra distrai a atenção dos observadores, a mão sinistra executa a ação.

Esta tem sido a política do Kremlin sob Putin. Enquanto a mão destra promovia relações externas dando a ideia que era um estado de direito, a mão sinistra assassinava os seus opositores internos, espiava os seus adversários e promovia propaganda adversa sobre eles.

Os resultados visíveis da mão sinistra, como os assassinatos de Litvinenko e Magnitsky ou a descoberta de espões russos como Herman Simm ou os dez “ilegais” nos Estados Unidos, resultavam apenas em expulsões de espões russos e em sanção contra os responsáveis políticos. Quanto ao resto, a Rússia continuava a ser uma parceira de negócios. Era isso que a elite ocidental desejava que a Rússia fosse. Quando os serviços, cuja missão era observar as ações da mão sinistra, alertavam que a Rússia já era uma ameaça ao nível da URSS, os responsáveis

ocidentais reagiam afirmando que tal interpretação era um resquício da mentalidade da guerra fria. A grande ameaça ao Ocidente seria o terrorismo islâmico. A partir do 11 de setembro, os recursos foram canalizados para combater a ameaça terrorista islâmica e a mão sinistra da Rússia ficou ainda mais livre.

Em 2014, quando a poderosa mão sinistra anexou a Crimeia e invadiu o Donbass, a realidade impôs-se cruamente. Mesmo assim, ainda havia quem não quisesse acreditar, quem procurasse compreender e, mais do que isso, justificar as ações da Rússia. Porém, só em fevereiro de 2022 as dúvidas ficaram desfeitas: afinal, os tais da mentalidade da guerra fria tinham razão e o que não se fizera antes em prevenção far-se-ia a partir daí em contenção.

A propaganda nem sempre é mentir descaradamente, embora a propaganda russa o faça mais frequentemente do que as suas antecessoras. A propaganda funciona como uma lente que explica o que se passa no mundo fora da experiência direta do público. Tal como uma lente distorce a luz que a atravessa, também a propaganda distorce a realidade que apresenta. Deste modo, a propaganda russa conseguiu convencer grande parte do público russo que a guerra na Ucrânia era não só inevitável, mas também necessária. Deste modo, a propaganda russa ainda hoje convence alguns cidadãos do Ocidente da verdade das suas afirmações e da justiça das suas ações.

Baseando-se principalmente em fontes russas que são reconhecidamente órgãos de propaganda, este livro não aborda a verdadeira guerra que se trava na Ucrânia desde 24 de fevereiro de 2022. A guerra aqui descrita é a guerra do “faz de conta” que vista, agora sim, do Kremlin e já não de Moscovo, é a guerra que devia ser. Nesta guerra em que os factos estão subordinados às intenções e conclusões, se a verdadeira guerra alguma vez aparece, é por acidente.

Este livro baseia-se em 64 fontes primárias todas em língua russa e disponíveis na internet. Cerca de metade destas, 29, pertencem ao estado russo ou estão ideologicamente alinhadas com o Kremlin. Outras seis difundem propaganda ainda mais agressiva do que a oficial. Além destas há ainda a considerar 13, que não podem evitar reproduzir as narrativas oficiais, nalguns casos fazem-no com pouca convicção. Outras cinco limitam-se a nichos informativos como desporto, negócios, espetáculos, vida social ou notícias locais e evitam notícias sobre atualidade ou política. As restantes já estão sediadas fora da Rússia, das quais dez são consideradas pelo Kremlin como “agentes estrangeiros” ou mesmo “organizações indesejáveis” e publicam notícias diferentes da “verdade oficial” e muito próximas das notícias que circulam nos média ocidentais, quer em termos de linguagem quer em termos de conteúdo. As duas últimas dedicam-se à desconstrução das narrativas russas, uma das quais é a única fonte não-russa.

Consulte na página do livro em www.pactor.pt:



Lista de todas as fontes que estão na base das narrativas



Cronologia dos acontecimentos

3 “Operação Militar Especial”

“Isto não é uma guerra.”

Razões e justificações

Até 24 de fevereiro de 2022 a propaganda russa empenhava-se em multiplicar as razões pelas quais a Rússia nunca atacaria a Ucrânia. As denúncias ocidentais sobre a iminente invasão eram apenas propaganda ocidental que visava distrair a opinião pública das negociações em curso sobre um novo sistema de segurança na Europa.

Estas razões partiam do princípio de que os russos e os ucranianos mais do que serem povos irmãos, faziam parte do mesmo povo e tinham um presidente – Vladimir Putin. Porém, a segunda premissa da afirmação não revela fraternidade, mas um paternalismo despropositado:

“Um dos indicadores da unidade dos dois povos é a sua atitude em relação ao cinema, por exemplo, à série de televisão «Matchmakers», que russos e ucranianos assistem em harmonia unificada. Enquanto ucranianos e russos choram com a mesma série, o presidente da Ucrânia, claro, é Vladimir Putin, e não Volodymyr Zelensky.”

De qualquer modo, também não havia qualquer motivo político para tal invasão, pois em 13 de janeiro de 2022, Vladimir Putin já alcançara o seu objetivo – a Ucrânia não se juntaria à NATO. Além, disso, o próprio facto de estarem a decorrer negociações sobre garantias de segurança mútua entre a Rússia e o Ocidente já era uma conquista da diplomacia russa. Havia ainda a considerar o aspeto humanitário, pois um ataque russo à Ucrânia seria um desastre não apenas para a própria Ucrânia, mas para toda a Europa “*porque, provavelmente, vários milhões de refugiados ficarão na fronteira da Ucrânia com a Polónia ou, possivelmente, entre a Alemanha e a Polónia*”.

As acusações americanas de que a Rússia se preparava para invadir a Ucrânia eram falsas, infundadas e careciam de provas. Além disso, Moscovo enfatizava que contrariamente aos Estados Unidos, a Rússia era a favor de soluções diplomáticas para os problemas internacionais. As propostas russas sobre garantias de segurança, que então eram discutidas com os Estados Unidos, com a NATO e com a OSCE, eram uma prova viva das intenções russas.

“Repete-se o mesmo cenário: há um recheio sensacionalista que depois de repetido muitas vezes transforma-se na notícia principal. De nossa parte, gostaríamos de alertar os nossos colegas contra tais aventuras. Declaramos mais uma vez: as incessantes acusações dos Estados Unidos contra nós, tanto no nível oficial quanto nos média, são infundadas e não têm base em nenhuma prova.”

Em 18 de janeiro de 2022, tropas russas foram transferidas para a Bielorrússia *“como parte de uma inspeção das forças de reação do Estado da União”*, segundo a nota informativa do Ministério da Defesa da Rússia. Perante a reação de Washington, que via nesse movimento de tropas uma preparação da Rússia para invadir a Ucrânia, inclusive a partir da Bielorrússia, a diplomacia russa afirmou, uma vez mais, que *“a Rússia não planeia atacar ninguém”*. Além disso, lembrou que *“a movimentação de tropas no seu território é um direito soberano do país”*.

Exatamente um mês antes do início da invasão da Ucrânia, os média russos acusavam o Ocidente de criar voluntariamente histeria na Ucrânia agravando a situação:

“Cada vez mais países repatriam os funcionários das suas embaixadas em Kiev. Em particular, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha já fizeram isso. A Áustria e a Letônia também estão prontas. Ao mesmo tempo, até o Ministério das Relações Exteriores da Ucrânia chamou essas decisões de prematuras. Devido à ameaça mítica de ação militar da Rússia, a NATO anunciou hoje que a Aliança está a enviar forças adicionais para a Europa de Leste, nomeadamente navios e caças.”

A Rússia além de estar a ser vítima das calúnias ocidentais, era ainda vítima da belicosidade ucraniana, pois *“Kiev está a preparar uma solução vigorosa para o conflito em Donbass, segundo o chefe da República de Donetsk, Denis Pushilin. A Ucrânia está a deslocar artilharia e carros de combate para a linha de contacto.”* Portanto, sem qualquer motivo, *“tanto Kiev como o Ocidente reviveram repentinamente o mito da ameaça russa”*.

Indiferente às “calúnias” americanas, a Rússia continuou a transferência de tropas e de equipamentos militares, agora sob o pretexto de participação, em conjunto com a Bielorrússia, no exercício militar “Allied Resolve – 2022”, programado para meados de fevereiro. Perante a “histeria antirrusa insuflada” pelo Ocidente, e por causa da “mítica ameaça de Moscovo sobre a Ucrânia”, a propaganda russa esclarecia que a Rússia nunca começará uma guerra. Ninguém pensava avançar com carros de combate sobre Kiev. Apenas num único cenário os eventos se poderiam desenrolar conforme previsto pelo Ocidente, *“é uma invasão ucraniana de Donbass, após a qual a Federação Russa responderá enviando as suas tropas para proteger os cidadãos de Donetsk, de Lugansk e da Federação*

10 Apoio à Ucrânia

“Os Estados Unidos e aliados apoiam Kiev apenas em palavras, mas na realidade eles lucram com as operações militares.”

O apoio que o “Ocidente Coletivo” tem vindo a prestar à Ucrânia, desde o início de 2022, tem três vertentes: político, económico e militar. Para a propaganda russa todo esse apoio é visto de modo negativo e sempre no interesse do Ocidente.

Politicamente, há quatro narrativas: (1) o Ocidente usa a Ucrânia para atacar a Rússia; (2) o apoio contínuo visa prolongar o conflito para desgastar a Rússia; contudo, (3) o Ocidente desgasta-se mais depressa do que a Rússia e, já não lucrando com a guerra que iniciou, procura pretextos para abandonar a Ucrânia e negociar um acordo; (4) o apoio do Ocidente não passa de retórica.

O apoio económico está longe de ser um dos temas preferidos da propaganda russa, contudo ainda é possível descortinar duas narrativas: o apoio agora prestado deve ser pago no futuro, acrescido de juros; quase todo o dinheiro ocidental fica nas mãos de Zelensky e do seu bando.

O apoio militar está sujeito a várias narrativas, consoante o interesse de momento:

1. Grande parte dos armamentos e equipamentos oferecidos não chegam à Ucrânia e são vendidos no mercado negro, onde são comprados por traficantes e grupos terroristas.
2. Grande parte do que não é vendido, é destruído ou capturado pelas forças russas durante o transporte, nos depósitos e armazéns ou então na linha da frente.
3. A maior parte do material que chega aos destinatários consiste em armas e munições obsoletos ou fora de prazo.
4. O pouco armamento moderno que chega às forças ucranianas não pode ser operado com eficácia por falta de formação dos militares ucranianos. Se aplicarmos as percentagens que, por vezes, são indicadas para cada uma destas “perdas”, o material que efetivamente chega ao destinatário é uma ínfima parte do que foi enviado.

Por outro lado, duas outras narrativas opõem-se a estas.

5. O Ocidente faz da Ucrânia um campo de testes para as suas mais modernas armas.
6. O apoio militar à Ucrânia é de tal dimensão que os arsenais e paióis ocidentais estão a ficar vazios.

O facto de todas estas narrativas serem usadas simultaneamente pela propaganda russa, apesar de algumas serem o oposto de outras, contribui para a incompreensão do problema e aumenta a confusão no seu público-alvo. Narrativas contraditórias podem ser encontradas no mesmo órgão e na mesma data. Os dois exemplos abaixo foram recolhidos em 2 de fevereiro de 2023, no Donpress.ru:

“O Ocidente sofre uma espécie de autointimidação e apoia a Ucrânia apenas o suficiente para que não tenha de capitular imediatamente. Os diplomatas ocidentais referem cada vez mais «o medo da escalada» e o «cansaço da guerra» nas sociedades democráticas. Por isso, não é de surpreender que os diplomatas ocidentais falem cada vez mais sobre um cessar-fogo.”

“Todas essas dificuldades estão relacionadas com qualquer coisa, mas certamente não ao desejo de evitar a escalada. O Ocidente está unido na sua russofobia e desejo de derrotar Moscovo.”

Uma “verdade alternativa”, que não se encontra na propaganda russa, é sobre as perdas em batalha de homens e equipamentos. Já sabemos que os russos destroem e capturam dezenas de combatentes e equipamentos diariamente. O inverso simplesmente não existe. Porém, o The Moscow Times publicou, em 5 de outubro de 2022, um artigo muito esclarecedor a respeito do inexistente. Por apresentar uma perspetiva diferente da propaganda russa, transcrevemos de seguida em pequeno excerto:

“Ninguém ajudou tanto as tropas ucranianas com o fornecimento de equipamento militar quanto as tropas russas. Desde o início da guerra, as Forças Armadas da Ucrânia capturaram tantos carros de combate, veículos blindados e instalações de artilharia que o seu número excede o fornecimento de armas pelos seus aliados. Especialmente, muitos equipamentos que as tropas ucranianas obtiveram durante a libertação da região de Kharkiv em setembro. Muitos carros de combate, veículos de combate de infantaria e veículos blindados de transporte de pessoal foram abandonados em condições de funcionamento, outros requerem pequenos reparos e, após a conclusão, são rapidamente colocados em linha de batalha. Equipamentos muito danificados são desmontados para peças. Além disso, as unidades russas em fuga deixaram armazéns inteiros com cartuchos para armas de fabrico soviético, das quais os ucranianos já careciam.”

Não se sabe se os ucranianos estão gratos ao Ocidente pelo envio de material militar. Os média russos que acusam Zelensky de mendigar ajuda em todas as capitais ocidentais, são omissos quanto à gratidão ucraniana. Contudo, devemos presumir que sim, pois conforme nos “informa” uma notícia de 10 de agosto de 2022, as ativistas do movimento de mulheres *Katyusha* enviaram uma medalha

13 Situação Interna na Rússia

*“Não conheço outro país onde uma
pessoa respire tão livremente.”*

A vida na Rússia é bela

Toda a propaganda, principalmente a de um país em guerra, tem necessidade de boas notícias domésticas e de más notícias do resto do mundo. Nenhum país publica tantas boas notícias como a Rússia! Alguns *sites* russos têm até um separador próprio para elas. As boas notícias sobre a Rússia são tantas e de tal dimensão que podem tentar um estrangeiro incauto a mudar-se para a Rússia.

Logo à partida, apesar das sanções e da guerra, a desigualdade de riqueza diminui na Rússia enquanto aumenta na Europa. A capital, Moscovo, é a melhor cidade do mundo em termos de qualidade de vida e desenvolvimento da infraestrutura. Nesta cidade as restrições à COVID terminaram em 14 de março de 2022. Nesta cidade maravilhosa *“comprar apartamentos de luxo tornou-se mais acessível para os moscovitas”*.

Em agosto de 2023, um orgulhoso vice-presidente da Câmara de Moscovo informava que *“Moscovo ocupa o quarto lugar no mundo em termos de conforto urbano”*. Já não era a melhor cidade do mundo. Na verdade, nem sequer era a quarta. O vice-presidente da Câmara baseava-se na classificação produzida pela *Resonance Consultancy* em 2021. Na classificação de 2023, Moscovo, como aliás todas as cidades da Rússia, não foi sequer considerada. Este facto confirma as palavras do mesmo vice-presidente em 2010:

*“Não estamos na Europa, estamos f*****.”*

Apesar das sanções, o número de carros de valores superiores a dez milhões de rublos (cerca de 130 mil euros ao câmbio da data), vendidos nas regiões de Moscovo e de São Petersburgo, aumentaram 22%.

Os salários e as pensões são aumentados frequentemente em valores próximos de 10%. Em junho de 2022 foi efetuado o segundo aumento do ano, perfazendo um aumento global de 19,5%. Em janeiro de 2023 um novo aumento, colocando o salário mínimo em 16 242 rublos (ao câmbio da data cerca 300 euros). Em maio, o primeiro-ministro, Mikhail Mishustin, afirmava que em 2023 os salários dos russos aumentaram 3% em termos reais e 13% em termos nominais. Mesmo assim, em junho, Putin prometeu que, em janeiro de 2024, o

salário mínimo aumentaria 18,5%. Em novembro, o presidente russo promulgou uma lei que aumentava o salário mínimo em 2024 para 19 242 rublos por mês. Em contrapartida, na mesma data, assinou outra lei que suspendia até 1 de janeiro de 2025 a indexação dos salários dos juízes, promotores, investigadores, auxiliares de deputados e senadores. Porém, estas regras não eram aplicáveis à remuneração dos militares e dos agentes responsáveis pela aplicação da lei.

Em abril de 2023, o Kremlin lembrou-se dos combatentes da “operação militar especial”. Vladimir Putin assinou um decreto sobre a criação de um fundo estatal para apoiar os combatentes que regressam da linha de frente e respetivas famílias. Em junho, o governo russo decidiu dar, a partir de outubro de 2023, um aumento extraordinário de 10,5% aos militares russos e a funcionários de algumas agências policiais. Como frisou Volodin, a tarefa da Duma “*é apoiar aqueles que garantiram a segurança do nosso país*”, enfatizando que a produção de legislação que garante o crescimento das pensões militares é “*uma ordem do presidente*”. Por estas razões, pouco depois de este aumento ter sido aplicado, a Duma aprovou, em 14 de novembro de 2023, um novo aumento de 4,5% a partir de 1 de outubro de 2024. Conjugando todos estes aumentos, o instituto russo de estatística afirmava, em agosto de 2023:

“Os russos tiveram um aumento de rendimentos e salários recorde nos últimos 15 anos.”

Até na idade da reforma, a Rússia é mais baixa do que no Ocidente. Em 2023, os homens podiam reformar-se aos 62 anos e as mulheres aos 58. No entanto, em vários casos é possível a um russo reformar-se antes desta idade, por exemplo, se for militar ou trabalhar em condições difíceis.

Em 2022, a Rússia conseguiu um recorde na construção de habitação: mais de 100 milhões de metros quadrados. Este valor foi conseguido por causa das medidas de apoio do governo com programas sociais. A taxa de desemprego também está constantemente a baixar. Em fevereiro de 2022, era de 4,1% e depois desta data continua a baixar (os recrutamentos e as consequentes fugas para o estrangeiro ajudaram esta estatística). A inflação aparentemente é baixa, inferior a 15%. Tudo isto é possível porque a “*economia russa continua a ser uma ilha de estabilidade*”.

As atividades de lazer na Rússia são invejáveis. Os russos que optem por fazer férias na Rússia têm direito a mais uma semana de férias. Os russos são recordados que agora a Crimeia é russa pelo que não é necessário viajar para o estrangeiro para ir à praia. Deste modo, não é de admirar que 63% dos russos optem por destinos domésticos. Contudo, apesar destas benesses, das sanções e da guerra, os russos continuaram a viajar para o estrangeiro em 2022, sobretudo para a Tailândia, Vietname e Cazaquistão. Em maio de 2023, a Royal Air Maroc retomou os voos entre Moscovo e Casablanca. Os moscovitas passaram a ter

24 E Portugal?

“Um país distante, inofensivo e muito antirusso.”

Em 11 de março de 2024, as eleições antecipadas para o parlamento português foram extremamente bem-sucedidas para o partido de extrema-direita, Chega, que pela primeira vez na história ocupará um quinto dos assentos na assembleia legislativa. Nesta data, no rescaldo das eleições legislativas portuguesas, o EADaily analisou os resultados eleitorais e mostrou o que o regime russo pensa de Portugal: *“um país distante, inofensivo e muito antirusso”*. Este é o único artigo realmente interessante que os média russos publicaram sobre Portugal nos últimos dois anos. Sobre as eleições refere:

“Apenas os partidos dispostos a lutar contra a Rússia e a apoiar a Ucrânia competiram pela vitória. E mesmo o sucesso dos eurocéticos locais do partido Chega não é um bom presságio para nós. A explicação para isto é a estrita orientação antirrusa da elite portuguesa, intimamente associada aos anglo-saxões.”

A coligação vencedora é liderada pelo partido de Durão Barroso, por isso os russos esperam que Luís Montenegro reforce ainda mais o apoio português à Ucrânia. Esperam também que Portugal, em nome da União Europeia e da NATO, vá pressionar o Brasil para se afastar da Rússia:

“Os parceiros dos conservadores no governo serão muito provavelmente os liberais, extremamente antirrusos do partido Iniciativa Liberal, que receberam pouco mais de 5% dos votos. Os dois partidos «verdes», que estão quase prontos para entrar em guerra com a Rússia, obtiveram o mesmo resultado.”

“O maior interesse na Rússia foi despertado pelo partido eurocético de direita, Chega, que acabou por obter um recorde de 18% dos votos. Ele também deverá juntar-se à nova coligação governante. O Chega tem uma atitude positiva em relação ao ditador Salazar e quer abolir os casamentos entre pessoas do mesmo sexo legalizados no país. Também não gosta que os poderes dos órgãos da União Europeia sejam demasiado grandes. Pretende ainda limitar a imigração muçulmana e africana e chama a atenção para os grandes problemas com os ciganos. [...] Parte do seu programa parece estar em sintonia com o da Rússia, porém, há um grande «mas». André Ventura e a maioria dos militantes do Chega também apoiam a Ucrânia e consideram o nosso país «mau». No entanto, há uma ala do partido que simpatiza com as ações da Rússia, mas é uma clara minoria. Talvez baste para amenizar a russofobia do grosso do partido...”

“Há também eurocéticos do Bloco de Esquerda em Portugal que receberam 4,5%. Também não gostam dos ditames da União Europeia, mas o seu euroceticismo está misturado com a agenda «verde», o feminismo e o apoio ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. Criticam fortemente a Rússia, embora duvidem da necessidade de armar a Ucrânia. Apenas o bloco liderado pelo Partido Comunista local é claramente contra o armamento da Ucrânia e critica as políticas da União Europeia e da NATO. Infelizmente recebeu pouco mais de 3% dos votos.”

O que sabem os russos de Portugal? O EADaily também faz esta pergunta e responde:

“Na maioria das vezes, lembramo-nos dos grandes navegadores do passado como Fernão de Magalhães e Vasco da Gama. Uns lembrarão o país como o berço do vinho do Porto, outros recordarão a sardinha. Alguns irão lembrá-lo por causa dos peculiares fados. Para os fãs de desporto, Portugal é identificado com as estrelas do futebol mundial Luís Figo e Cristiano Ronaldo. Poucas pessoas falarão de política. Embora, por exemplo, o atual secretário-geral da ONU, António Guterres, seja português, bem como o antigo chefe de longa data da Comissão Europeia, José Manuel Barroso, que desempenhou um papel nos acontecimentos do Euromaidan de 2013-2014.”

Além da epopeia dos descobrimentos portugueses, os russos também sabem que:

“Portugal teve, no século XX, um passado totalitário próprio, associado ao ditador António Salazar, que governou durante mais de 40 anos. Ele era um anticomunista declarado e um duro adversário da URSS e, apesar da sua natureza obviamente anti-democrática, foi aceite na NATO. Salazar é mais ou menos reverenciado pelos conservadores e eurocéticos de direita. Para eles, a Rússia é a herdeira da União Soviética.”

Esta é a razão para os conservadores portugueses se oporem à Rússia. Os liberais, também são antirrussos, mas por outras razões. Neste caso, porque estão ligados às forças do globalismo que são a União Europeia, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Finalmente, a esquerda não perdoou a Rússia por, ao contrário de Portugal:

“Não ter caminhado para a «democracia real» e, tal como o ditador Salazar, estar a travar «guerras coloniais» e não querer «abandonar» a Ucrânia (tal como os portugueses libertaram Angola). Existem alguns esquerdistas locais que nos são relativamente leais, mas são muito poucos.”

Narrativas sobre Pessoas

Aleksey Navalny

Aleksey Navalny era considerado o principal opositor político de Vladimir Putin. Em 15 de dezembro de 2012 fundou o partido “Rússia pelo Futuro” (FBK). A partir de 2011, Navalny passou na prisão períodos de tempo cada vez maiores. As primeiras justificações para a sua prisão não tinham pretextos políticos e recorriam a subterfúgios como roubo de madeira, fuga aos impostos, corrupção, entre outros.

Em 20 de agosto de 2020, Navalny foi envenenado com *novichok* na sua roupa interior e sentiu-se mal durante o voo de Tomsk para Moscovo. O voo foi desviado para Omsk, em cujo hospital Navalny foi internado. Os cuidados prestados neste hospital não contribuíam para a melhoria do estado de saúde de Navalny, pelo que a sua equipa decidiu levá-lo para a Alemanha para tratamento. Após dois dias à espera de autorização das autoridades russas, foi finalmente transportado para um hospital na Alemanha, onde foi tratado com êxito.

Após confirmação de envenenamento por *novichok*, as autoridades alemãs acusaram o Kremlin de tentativa de envenenamento de Navalny e reprovaram vivamente tal atitude. As autoridades russas replicaram que o envenenamento de Navalny era da responsabilidade da Alemanha, porque segundo o relatório do hospital de Omsk, quando Navalny saíra da Rússia estava de “perfeita saúde”.

Após cinco meses de recuperação, em 17 de janeiro de 2021, Navalny decidiu regressar à Rússia, onde foi preso à chegada. Desde aquela data Navalny não voltou a ser libertado e, mesmo na prisão, foi condenado por outros crimes que foram aumentando a sua pena.

Nessa altura, um órgão noticioso da Sibéria, ainda hoje relativamente independente, apontou Yevgeny Prigozhin como o responsável pelo envenenamento de Navalny. No entanto, este não teria agido sem o consentimento de Putin. Hoje sabe-se que o *novichok* foi colocado nas cuecas de Navalny, mas no início suspeitou-se que o veneno estivesse no chá que Navalny bebera em Tomsk. O mesmo órgão noticioso siberiano apresenta também uma interessante lista de opositores ao governo de Putin envenenados nos 20 anos anteriores a 2020, contendo alguns nomes desconhecidos no Ocidente: Yuri Shchekochikhin – 2003, Anna Politkovskaya – 2004, Aleksandr Litvinenko – 2006, Sergey Mokhov, marido de Lyubov Sobol – 2016, Sergey Skripal – 2018, Dmitry Bykov – 2019, Peter Verzilov – 2019 e Aleksey Navalny – 2020.

O ativismo político de Navalny e as repressões sofridas por parte do regime do Kremlin seriam suficientes para escrever todo um livro. Contudo, deixamos o breve resumo acima apresentado apenas para contextualizar o assunto. Notícias sobre Aleksey Navalny nos média afectos ao Kremlin são praticamente inexistentes. Por outro lado, os média “liberais” e “agentes estrangeiros” dão muita atenção ao tema. Vamos começar por estes.

Média liberais

No dia 24 de fevereiro de 2022, Navalny compareceu a uma sessão dos seus vários julgamentos. Aproveitou a oportunidade para transmitir a sua opinião sobre a “operação militar especial” considerando-a uma distração da estagnação económica e dos problemas socio-políticos da Rússia. *“Acho que esta guerra visa desviar a atenção dos problemas da Rússia e só vai levar a um empobrecimento ainda maior. Considero os que desencadearam esta guerra bandidos e ladrões. Entrei na política para combater esse regime criminoso de ladrões.”*

Nos inícios de março, a repressão policial tinha conseguido reduzir a dimensão e a frequência dos protestos antiguerra. Navalny instou os russos a prosseguirem os protestos contra a guerra na Ucrânia. Em junho de 2022, foram efetuadas novas acusações criminais a Navalny, por criar uma “organização extremista” e alimentar o ódio contra as autoridades. Após condenação, a sua pena de prisão foi aumentada em mais 15 anos, a somar aos nove da condenação de março. Em abril de 2023, foi instaurado um novo processo criminal contra Navalny, acusado da prática de extremismo. A sua pena estava em vias de ser aumentada para 35 anos de prisão.

Em 19 de junho de 2023, no Tribunal da Cidade de Moscovo, iniciou-se o julgamento por extremismo de Aleksey Navalny e do ex-diretor técnico do canal *Navalny Live* no YouTube, Daniel Kholodny. Navalny teve apenas dez dias para estudar os 196 volumes do processo criminal que o acusava de *“incitação ao extremismo, criação de uma organização sem fins lucrativos que viola os direitos dos cidadãos, financiamento do extremismo, criação de uma comunidade extremista, envolvimento de menores em atos perigosos e a reabilitação do nazismo. Daniel Kholodny é acusado de participar e financiar atividades extremistas.”*

Para agravar a situação de Navalny, os guardas da prisão colocaram na sua cela um prisioneiro *“com graves problemas de higiene”*. Em dezembro de 2022, Navalny começou a sentir fortes dores nas costas, resultante de um problema anterior agravado pela constante permanência na cela de castigo, onde tinha de se sentar num pequeno banco de ferro ou então permanecer em pé. Apenas um mês e meio após se queixar, Navalny foi visto por um médico. Este não se identificou, não disse o diagnóstico e não disse que tratamento prescrevera. Após a sua visita, Navalny começou a receber injeções.

Em 10 de janeiro de 2023, cerca de 300 médicos russos assinaram uma carta aberta dirigida ao presidente russo Vladimir Putin, em apoio a Aleksey Navalny: *“Não podemos e não temos o direito de olhar com indiferença para a imposição deliberada de danos à saúde do político Aleksey Navalny, que ocorre na colônia correccional n.º 6 do Serviço Penitenciário Federal da Região de Vladimir”*. Os autores da carta exigiam o cumprimento da lei de proteção à saúde e da Constituição da Federação Russa, cujo garante é o Presidente da Rússia. Exigiam o fim do abuso sobre Navalny e exigiam ainda que médicos civis pudessem vê-lo e, se houvesse necessidade, que Navalny fosse hospitalizado num hospital civil pelo tempo necessário para efetuar exames e tratamentos.

A 18 de janeiro outra carta aberta de apoio a Aleksey Navalny, desta vez dirigida ao Presidente da Rússia, ao Procurador-Geral e ao Conselho Presidencial de Direitos Humanos, foi assinada por mais de 80 vereadores de vários municípios russos, incluindo Moscovo e São Petersburgo.

Estas diligências, bem como a iniciativa dos apoiantes de Navalny de lançarem a campanha *Free Navalny*, com o objetivo de unir os esforços de pessoas ao redor do mundo para conseguir a sua libertação, não tiveram qualquer impacto. Os média afetos ao regime nem os referiram. Em vez de aligeirarem as condições da sua detenção, as autoridades prisionais transferiram Navalny para uma cela situada num bloco onde não são permitidas visitas aos presos. Navalny, que já não via a família há oito meses, escreveu: *“O principal tormento da prisão é a impossibilidade de ver rostos amigos, de conversar com quem tu amas. Até maníacos e assassinos em série condenados à prisão perpétua têm direito a visitas, mas eu não”*. Entretanto, devido ao tratamento inadequado na prisão, os problemas de saúde de Navalny pioraram. Navalny sentia agora fortes dores na barriga e perdera sete quilos de peso.

Em 4 de junho de 2023, a campanha *Free Navalny* surtiu algum efeito. Milhares de russos em mais de 100 cidades estrangeiras participaram em manifestações de apoio a

Episódios de Guerra Informativa

20/02/2022. Bomba “suja”

No dia 20 de fevereiro de 2022, antes ainda da invasão russa, um “especialista” tirou uma brilhante conclusão da retirada de Kiev do Memorando de Budapeste: *“Eles farão uma bomba atômica «suja»!”*. O que naquela data era um futuro hipotético, 14 dias depois, a 6 de março, já era a realidade anunciada por uma *“fonte competente”*. Nesta mesma data, o Russia-1 divulgava que *“a Ucrânia usou a central nuclear de Chernobyl para criar uma «bomba suja»”*.

No dia seguinte, o Russia-1 anunciava uma provocação nuclear muito mais grave, já não era uma “bomba suja”, mas uma explosão nuclear a sério. É absolutamente espantoso como o Ministério de Defesa da Rússia parece conhecer todos os pensamentos do adversário. *“Kiev prepara uma provocação que consiste em fazer explodir um reator nuclear com possível contaminação através de radiação da área Kharkov. O nosso Ministério da Defesa tomou conhecimento desses planos monstruosos. Eles relataram que o Serviço de Segurança da Ucrânia e os militantes do batalhão nacional Azov estão por trás da sabotagem. Eles entraram no Instituto de Física e Tecnologia de Kharkov e roubaram um engenho nuclear experimental. Esta provocação tem um propósito: acusar os nossos militares de desferir um ataque e mostrar ao mundo inteiro que a Rússia planeou uma catástrofe ecológica na Ucrânia. Para a divulgação rápida, a SBU trouxe jornalistas estrangeiros para a cidade no dia anterior.”*

As referências a bombas “sujas” desapareceram da propaganda russa e só voltaram a aparecer 15 meses mais tarde, em 6 de junho de 2023. Desta vez, a denúncia partiu do Serviço Federal de Segurança (FSB) que informou que a inteligência militar ucraniana planeava realizar um ataque terrorista na Rússia usando uma “bomba suja”. Seis dias mais tarde, o número de bombas aumentou: *“O GUR da Ucrânia preparava-se para detonar várias “bombas sujas” na Rússia de uma só vez. No entanto, a sabotagem falhou na fase de preparação. Além disso, os serviços especiais russos receberam evidências irrefutáveis das monstruosas atividades terroristas de Kiev.”* Como é do conhecimento geral, não houve qualquer explosão de um reator nuclear, tal como não houve qualquer “bomba suja”.

24/02/2022. Ilha da Serpente

A ilha Zmeiny, traduzida umas vezes como ilha das Cobras e outras como ilha da Serpente, é uma pequena ilha situada no mar Negro, cuja importância deriva da sua posição estratégica. Esta ilha foi o palco de um dos episódios mais famosos da invasão da Ucrânia, logo no primeiro dia da guerra, quando a pequena guarnição da ilha foi instada a render-se por um navio russo, tendo respondido: *“Navio russo vai-te f****!”*

Em março, os correios ucranianos emitiram um selo postal para comemorar a atitude dos defensores. Em abril, quando os ucranianos afundaram o cruzador russo “Moskva”, (o mesmo navio que havia exigido a rendição da guarnição) aquela frase ganhou uma segunda vida.

O episódio passou nas televisões de todo o mundo, tal como o descrevemos acima, mas do ponto de vista russo isso era propaganda ocidental. Segundo a televisão russa, a

escolheram para essa noite, como habitualmente, programas de variedades com os artistas ainda não banidos. O canal do Kremlin, Russia-1, um dos principais órgãos de propaganda do regime, apresentou nessa noite um espetáculo de “*cuecas cantantes e porcos azuis*”, em que os artistas atuaram tão vestidos quanto outros compareceram na “festa nua”.

09/02/2024. Entrevista de Carlson a Putin

Nos média russos, a grande notícia de fevereiro de 2024 não foi a tomada de Avdiika, mas sim a entrevista que Vladimir Putin concedeu, em 7 de fevereiro a Tucker Carlson. A entrevista foi difundida a 9 de fevereiro, mas os média russos começaram a explorar o seu potencial propagandístico antes até da sua realização, continuando muito para além da data da sua transmissão. Uma semana depois da transmissão da entrevista, faleceu Aleksey Navalny, mas o foco mediático não se alterou, o que permitiu marginalizar ainda mais a morte do autêntico opositor do Kremlin.

Segundo a propaganda russa, o Ocidente ficou “histérico” antes, durante e depois da difusão da entrevista, declarando que os média ocidentais não falavam de outra coisa senão das verdades que o Ocidente iria ouvir ou tinha ouvido da boca do presidente Putin. Na semana seguinte, ocorreu o inverso, os média ocidentais cobriram com interesse a morte de Navalny e os eventos seguintes, enquanto os média russos oficiais lhe dedicaram um silêncio comprometedor.

Dmitry Peskov explicou que o Kremlin concordara com a entrevista porque Tucker Carlson tinha uma posição sobre a Rússia contrastante com a habitual no universo anglo-saxónico. A 7 de fevereiro, a entrevista começou a ser publicitada com aliciantes que já suscitavam entusiasmo no Parlamento Europeu, onde já se preparavam sanções contra Carlson: que este era acusado de trabalhar para o Kremlin; que os americanos estavam indignados com a entrevista e a imprensa americana fervia de raiva. Dir-se-ia que o Ocidente iria desmoronar por causa do que Putin diria a Carlson. Claro que não havia discussões nas instituições competentes da União Europeia sobre a possível introdução de sanções contra Carlson.

A entrevista durou duas horas e nela Putin deu uma palestra bastante longa sobre as origens do conflito russo-ucraniano, claramente no género da história alternativa subordinada à “verdade russa”. As habituais narrativas da propaganda russa forneceram o corpo das declarações de Putin, entre as quais destacamos as seguintes:

- Boris Johnson proibiu a Ucrânia de assinar um acordo de paz em 2022.
- Os ucranianos serem russos étnicos de terras remotas.
- A Polónia forçou Hitler a iniciar uma guerra mundial.
- Lenine criou a Ucrânia e deu-lhe a região do Mar Negro.
- A Rússia foi enganada quando a NATO prometeu não se expandir para leste.
- Bill Clinton recusou a Putin aderir à NATO.
- A ilegalidade da “terceira volta” das eleições presidenciais na Ucrânia em 2004.
- O Ocidente frustrou o acordo de Yanukovych com a oposição em fevereiro de 2014.
- Foi permitido à Ucrânia aderir à NATO.
- Quem iniciou a guerra russo-ucraniana e quando.
- Porque as tropas russas foram retiradas de Kiev em 2022.
- Zelensky aplaudiu os nazis no Canadá.
- Os Estados Unidos explodiram o *Nord Stream*.

Epílogo

A esperada vitória de Putin nas eleições presidenciais mostrou que, apesar da guerra, nada mudou na Rússia. As mesmas pessoas que promoveram e desencadearam a “operação militar especial” permanecem em posição de a prosseguir e, em caso de vitória, iniciar uma nova “operação militar especial”, numa das direções já anunciadas. As fronteiras da Rússia “não terminam em parte alguma” e as suas ambições neoimperiais terminam apenas onde se confrontarem com um poder superior.

Apelar ao pacifismo e à não interferência para evitar a escalada de violência, esperando que Putin se contente com a Ucrânia, é um jogo perigoso. Este jogo já foi jogado em 1938 e Hitler não se contentou com a Checoslováquia. Proceder de modo contrário e escalar o apoio à Ucrânia também é um jogo perigoso que pode levar à Terceira Guerra Mundial. Porém, evitou-se jogar este jogo em 1938, mas no ano seguinte já não havia opção à Segunda Guerra Mundial.

A Rússia não mudou. A sua retórica mostra que não teme a Terceira Guerra Mundial, parece mesmo que a deseja, embora não queira parecer a causadora. Pode não haver vencedor desta guerra, mas ao menos que a Rússia nela desempenhe o papel de vítima. Portanto, a Rússia continuará a fazer o seu jogo. Resta ao “Ocidente Coletivo” escolher qual dos jogos quer jogar. Mas se o exército de Putin triunfar na Ucrânia, e se a sua propaganda conseguir levar o resto do mundo à passividade, o que o impede de repetir a jogada?

Glória à Ucrânia

Como referido no Preâmbulo, todo o livro foi baseado exclusivamente em fontes russas, na sua larga maioria afetas ao Kremlin. Portanto, em nenhum ponto do texto está presente a visão ucraniana da guerra que, desde 24 de fevereiro de 2024, assola o país. Com a intenção de repor algum equilíbrio, terminamos com a opinião de alguns ilustres ucranianos sobre a guerra.

Epifânio, metropolita de Kiev, em 24 de junho de 2022

“Quatro meses de guerra em grande escala, mas também quatro meses de resistência heroica. Dor, tristeza e perda, mas ao mesmo tempo resiliência, esperança e solidariedade. Intimidação, ameaças e mentiras, mas ao mesmo tempo discernimento, destruição de mitos e exposição da perniciosa ideologia da «paz russa». Os atacantes procuraram isolar a Ucrânia, mas não receberam qualquer apoio do mundo civilizado. Eles queriam fechar-nos com uma cortina de ferro, mas em vez disso a porta da Europa abriu-se para nós.



DUAS VERDADES EM CONFRONTO: QUAL É A “VERDADE” E QUAL É A “VERDADE ALTERNATIVA”?

Um órgão de comunicação social russo, referindo-se à cobertura dos média ucranianos sobre a guerra na Ucrânia, escreveu:

“Se assistir à televisão ucraniana, ouvir entrevistas com ucranianos, conversar com cidadãos ucranianos nas redes sociais, terá a sensação de algum tipo de irreabilidade sobre o que acontece. A operação militar especial da Rússia e a guerra ucraniana são eventos completamente diferentes e não relacionados.

Os nomes das localidades, das unidades militares, dos comandantes e chefes são os mesmos. Mas o que acontece – quem mata civis, quem humilha e tortura prisioneiros, quem ameaça o mundo com uma catástrofe nuclear, como as pessoas comuns tratam o exército – é completamente o oposto.”

Estas palavras são verdadeiras e funcionam de igual modo em sentido contrário. Na Ucrânia não há apenas dois exércitos em confronto. Há também duas verdades em confronto, que diferem entre si, desde a interpretação do passado e dos eventos atuais, até aos diferentes sentidos associados à mesma palavra, passando por visões diferentes de cooperação, direito e ordem internacional.

Para este livro, o autor efetuou uma pesquisa exaustiva e minuciosa de narrativas e notícias baseadas exclusivamente em fontes russas, a maioria afeta ao Kremlin, que procuram apresentar as razões ideológicas e as justificações para a “operação militar especial”.

Um registo histórico, cheio de curiosidades, de um presente real, escrito de forma empolgante, que nos leva a refletir e a procurar identificar qual é a “verdade” e qual é a “verdade alternativa”.

“Com a incerteza que paira sobre o desenrolar dos próximos capítulos, é bom que cada um de nós retenha a imagem mais real possível da situação, porque poderemos, mais cedo ou mais tarde, ser arrastados para o olho do furacão.”

General Carlos Jerónimo, in Prefácio

CARLOS BRÁS

Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Após ter prestado serviço militar no Corpo de Tropas Paraquedistas durante vários anos, fez carreira no Serviço de Informações de Segurança (SIS), onde acompanhou matérias relacionadas primeiro com a URSS e depois com a Federação da Rússia. Entre 2002 e 2020, a sua atividade profissional centrou-se exclusivamente nesta temática. A partir de 2010, começou a acompanhar e a analisar diariamente a propaganda russa, atividade que mantém até hoje.